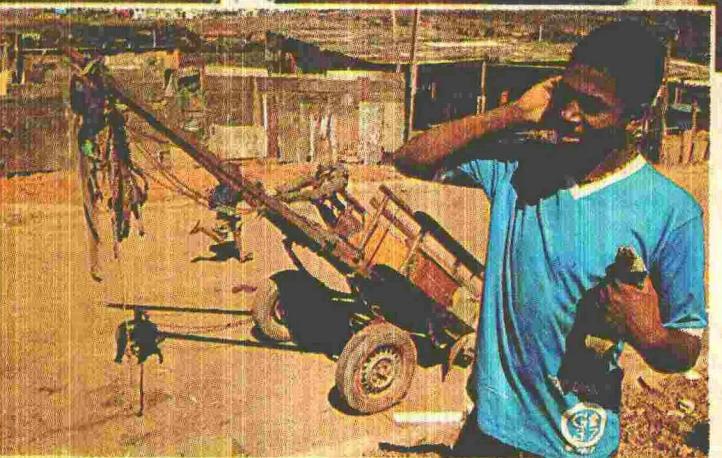




Francisco (foto maior) quer que o filho mais novo não repita os três mais velhos, que trocaram a escola pelo trabalho. Já Romário (foto menor), aos 14 anos, sonha em encontrar uma vaga para estudar à noite, pois precisa trabalhar como carroceiro para engrossar a renda familiar



Apoio familiar é fundamental

Hoje em dia, um dos grandes desafios dos pais, principalmente os de famílias carentes, é manter os filhos na escola. Para acabar com a evasão escolar, o apoio da família é fundamental. Ela precisa participar das decisões sobre o ensino das crianças (conselhos, associações de pais e mestres), acompanhar o desempenho na escola e exigir os direitos de seus filhos e filhas por uma educação de qualidade.

Por falta de informação, tempo ou orçamento financeiro ideal, muitas vezes, isso não acontece. Porém, mesmo com tantos percalços, é fácil achar pessoas, em meio à pobreza, que dão o sangue para os seus filhos terem educação.

"O único bem que realmente temos pra deixar é o estudo, nada mais", acredita Anilson Ribeiro de Miranda. O pedreiro, de 36 anos, estudou somente até a sétima série e não admite filho seu fora da escola. "Quero uma vida melhor pra eles. Por isso, dou

duro no trabalho. A vida não está fácil com estudo, ainda mais sem ele".

Pai de Warlison, de seis anos, e Vanessa, de 11 – na primeira e quinta séries, respectivamente – Anilson indignou-se ao ser informado sobre o percentual (7,1%) das crianças de 7 a 14 anos da sua cidade (Itapuã) fora das salas de aula. "Isso não pode acontecer. Tem de ter vaga e escola para todos. Se o caso não for este, é porque o pai não está nem aí para a educação dos filhos", analisou o trabalhador autônomo, cuja renda mensal é, em média, de R\$ 500. "Apesar de todas as dificuldades, inclusive, às vezes, de não termos comida em casa, as crianças não deixarão de estudar. A Vanessa fala em ser médica. Se depender de mim, será", disse.

SONHOS – Outro que não desiste de "bancar" um filho na escola é Francisco Domingos da Silva. O também pedreiro, de 56 anos, já passou pela situa-

ção de ver três filhos – Flávio, 26 anos, Fábio, 24, e Lucivânia, 22 – abandonarem os estudos. O morador de Itapuã não quer que isso se repita com o filho mais novo, Fernando. "Eles desistiram dos estudos porque tiveram de trabalhar cedo. Não quero que isso aconteça com o miudinho. Por isso, todo mundo está ajudando", diz Francisco, referindo-se ao filho de 15 anos. Ele cursa o primeiro ano do Ensino Médio. "O sonho do Fernando é ser soldado do Exército. Ele não quer parar de estudar de jeito nenhum", completa.

Natural de Sapé, na Paraíba, Francisco conta que começou a trabalhar "na enxada", com sete anos. Quando fez 19, aprendeu o ofício de pedreiro. Com tanto trabalho e sempre na condição de arrimo de família, ele não estudou e hoje é analfabeto. "Só sei escrever o meu nome. Mesmo assim, tem vez que nem acerto", contou. Francisco faz parte do percentual de 8,1% de analfabetos que vivem em Itapuã.